

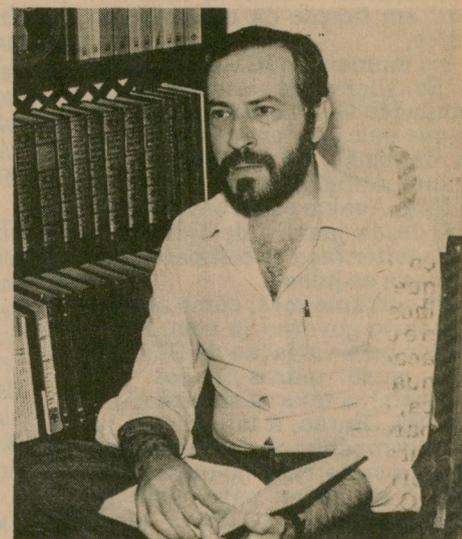
ARTES E VARIEDADES

"Correio Popular"

Aniversário de nascimento será comemorado amanhã

Os aspectos pouco conhecidos da vida e da obra de Carlos Gomes

Além da Semana Carlos Gomes, promovida pela Associação Brasileira "Carlos Gomes" de Artistas Líricos (Abal), que acontece em setembro para homenagear o aniversário de morte do compositor campineiro, sua data de nascimento também foi comemorada na última sexta-feira pela Associação, antecipando a data de amanhã. Tantas homenagens baseadas no calendário acabam encobrendo por vezes aspectos mais profundos da vida e obra do compositor, relevantes, no entanto, para a compreensão minuciosa de sua importância no Brasil e no Exterior.



O psiquiatra João Bosco prepara o quinto trabalho sobre o compositor

Ler para crer

Gaeta

Raimundinho
comida

O Juventino C
mundinho est
nados.
— De
neira
amir

assassinada em "circunstâncias misteriosas", quando o compositor tinha apenas oito anos. Mais tarde, nas cartas pesquisadas por João Bosco, onde Carlos Gomes se correspondia com o diplomata e depois bacharel nos EUA, Salvador Mendonça, ele se referiu muitas vezes ao esquecimento em que havia sido relegado no Brasil.

"Ele dizia freqüentemente que queria morrer (de Milão) no Brasil, mas com dignidade. Estava disposto, no entanto, na época, a se transferir para os Estados Unidos", ilustra o psiquiatra. Fatos como esse são lembrados pelo pesquisador com a mesma estranheza com que avalia a situação atual da ópera contemporânea.

"É de se estranhar que aqui não se incentive novos compositores ligados à ópera, através de concursos e seleções", analisa. Quanto às pesquisas, Bosco estuda a ópera italiana desde adolescente. Para ele, o caminho da pesquisa é o sentido inverso, ou seja, a pesquisa sobre as obras, antes de sobre a vida.

É por isso que ele não vacila em comentar a brasilidade e contemporaneidade das obras de Carlos Gomes, desmentindo as afirmações usuais que ele estaria ultrapassado para sua época. Fala-se hoje exacerbadamente de Villa-Lobos, iniciador do Modernismo no Brasil, no campo musical erudito. Mas para Bosco, "Carlos Gomes pode ser enquadrado na pré-história em relação a Villa-Lobos".

Bosco reforça também a necessidade de se discutir mais sobre o compositor, até mesmo de se criar polêmica em torno de sua vida e obra, como tentativa de resgatar Carlos Gomes da obscuridade, retificando inclusive erros que constam em suas biografias e dicionários. "Muitas das cartas escritas por ele (e sua correspondência com amigos e família foi significativa) contêm datas e destinatários errados. Ele tinha como erro

freqüente escrever cartas com datas erradas, mas em vez de corrigir-se esses erros, eles foram reforçados", ressalta.

As óperas

Carlos Gomes escreveu nove óperas: "A Noite do Castelo" (1861), "Joana Flandres" (1863), ambas em português; a partir daí passou a compor em italiano: "Il Guarany" (1870), "Fosca" (1873), "Salvator Rosa" (1874), "Maria Tudor" (1879), "Lo Schiavo" (1889), "Côndor" (1891) e "Colombo" (1892).

Esta última foi o tema de uma monografia desenvolvida por João Bosco, na qual desenvolve referências sobre o poema vocal-sinfônico de Carlos Gomes, considerado por ele como uma meia-ópera. Com essa monografia, Bosco foi premiado em primeiro lugar pela Funarte, no Concurso Comemorativo do Sesquicentenário de Carlos Gomes (1986).

No mesmo ano publicou no Jornal da Tarde matéria discorrendo sobre a ópera "Côndor". Realizou também o trabalho apresentado no "3º Encontro Nacional de Pesquisa em Música", em Ouro Preto ano passado, intitulado "A Morte em Vida: Carlos Gomes na Década de 1890", além de um estudo específico sobre a Temporada Italiana do Teatro Lírico do Rio de Janeiro, no 2º semestre de 1892.

Agora, João Bosco se prepara para participar da 40ª Reunião Anual da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) com abertura hoje, na USP, da qual sairá o volume de "Resumos" com dois trabalhos seus.

O livro de Bosco, sem editora garantida ainda, reúne os quatro estudos e mais um quinto em andamento: "Carlos Gomes e Seu Tempo" - um levantamento sobre aspectos do contexto histórico, político e social da época em que Carlos Gomes viveu. O livro será oferecido, segundo Bosco, às editoras da Unicamp, UFMG e UNB.

Ele foi a maior figura do romantismo musical brasileiro na segunda metade do século XIX, mas hoje é mais lembrado na Itália que no Brasil. O compositor campineiro Antônio Carlos Gomes (1836-1896), nos últimos seis anos de vida, antes de ser completamente consumido pelo câncer, foi também sendo gradativamente apagado pela população e governo brasileiros. Essa conclusão é o resultado final do estudo "A Morte em Vida: Carlos Gomes na década de 1890" do psiquiatra João Bosco Assis de Luca, a ser lançado em livro até o final deste ano, com mais quatro trabalhos sobre Carlos Gomes.

O interesse relativamente curto do povo brasileiro em cultuar não o mito mas o verdadeiro compositor que foi Carlos Gomes e as obras que deixou, não é tão atual para João Bosco, que pesquisa a vida e obra do compositor há cerca de 20 anos. De acordo com o psiquiatra, Carlos Gomes foi forçadamente esquecido a partir de 1890, após a Proclamação da República.

"Havia um medo grande de associar o compositor à Monarquia, pois ele era profundamente ligado a D. Pedro II", define Bosco. As provas pesquisadas pelo psiquiatra através de jornais, cartas e documentos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro o levaram a essa conclusão.

A idéia que a República deu por morto o compositor está contida em provas, no mínimo curiosas, contadas pelo autor do livro: "O primeiro prefácio republicano do Rio de Janeiro, Cândido Barata Ribeiro, num de seus primeiros atos, mudou todas as placas de ruas, com nomes de personalidades monárquicas para republicanas". O nome de Carlos figurava numa das antigas placas.

Circunstâncias misteriosas

A vida do compositor foi sempre rica de acontecimentos e situações inéditas. Sua mãe, por exemplo, foi